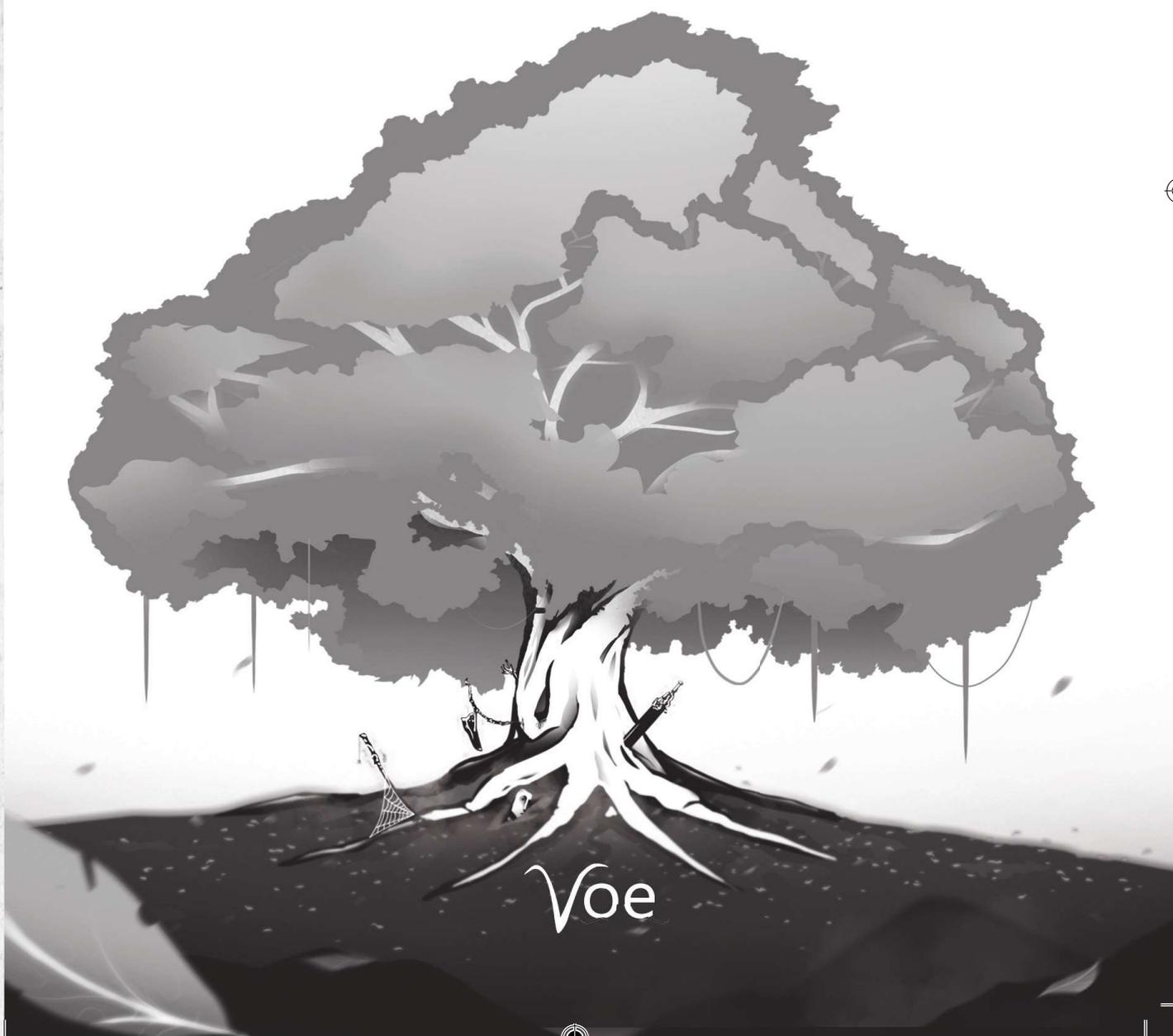
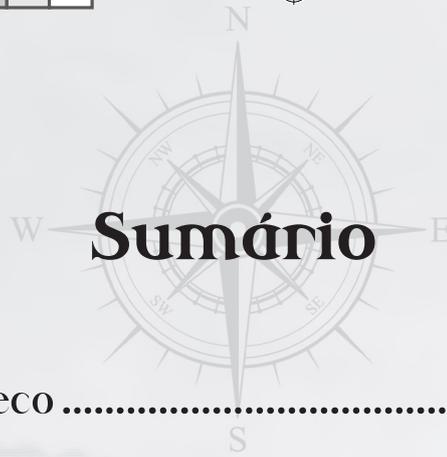




E.S. Iuro

A Lenda de  
**Ambita**  
Ciclo da Resistência



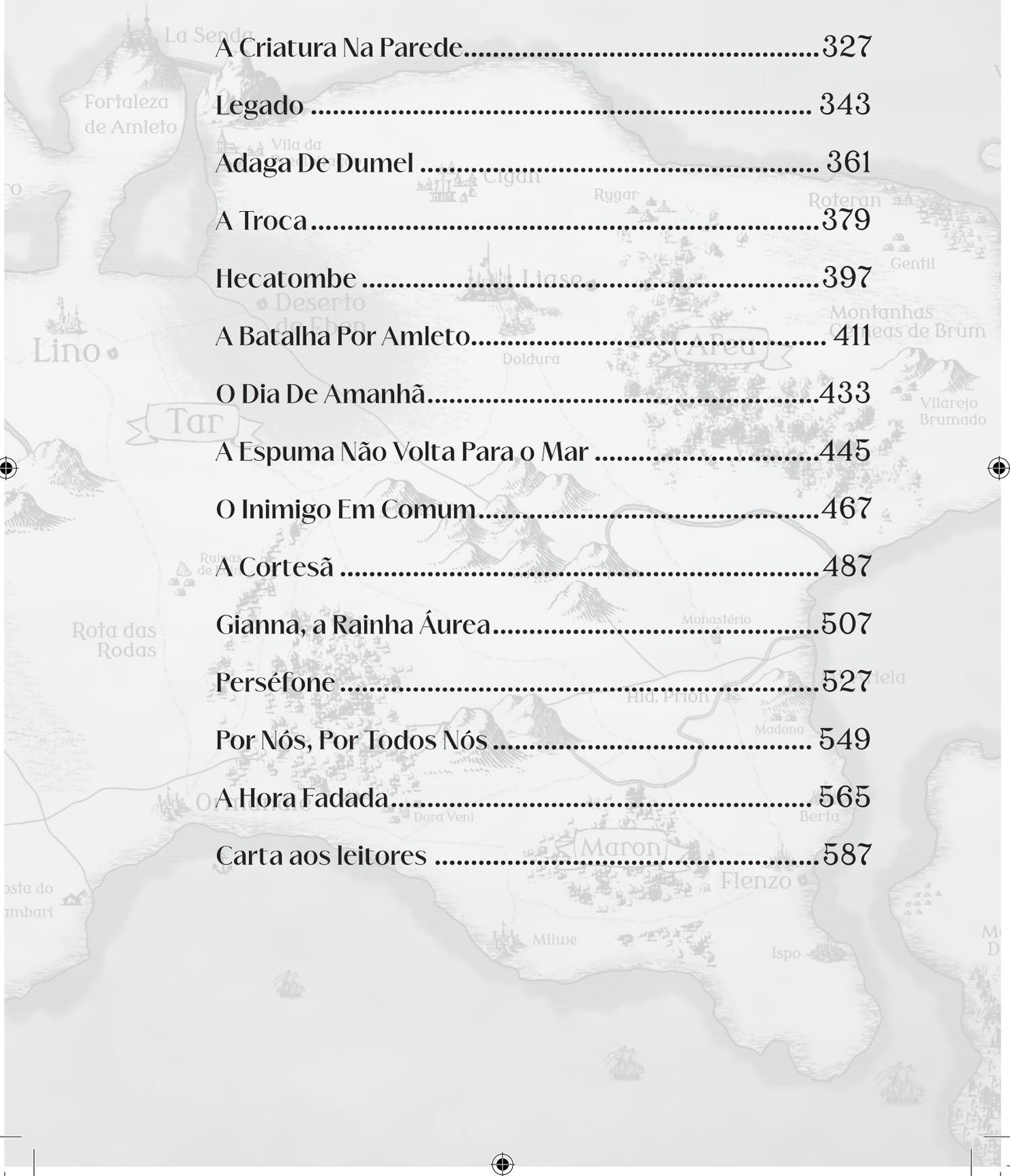


Tesouro Anureco .....	17
Ofensiva .....	37
Mascaro .....	51
Linhagem Sanguínea Não-Elemental.....	69
Tier .....	85
Labirinto.....	105
Velhos Amigos .....	121
Alguns Vira-Latas Não Podem Ser Amordaçados .....	135
O Peso Do Abismo .....	151
Um Lugar Para Recomeçar .....	171
Alfredo .....	189
O Oceano Aproxima As Terras Que Também Separa .....	205
Estopim .....	225
Um Peculiar Reencontro.....	245
Mily.....	263
Recompondo-se .....	285





Ingredientes.....	299
A Mansão De Dumel.....	313
A Criatura Na Parede.....	327
Legado .....	343
Adaga De Dumel .....	361
A Troca.....	379
Hecatombe .....	397
A Batalha Por Amleto.....	411
O Dia De Amanhã.....	433
A Espuma Não Volta Para o Mar .....	445
O Inimigo Em Comum.....	467
A Cortesã .....	487
Gianna, a Rainha Áurea.....	507
Perséfone .....	527
Por Nós, Por Todos Nós .....	549
A Hora Fadada.....	565
Carta aos leitores .....	587





## Capítulo 106



# Labirinto

Desde a tomada de Mascaro por Polaris, o tabuleiro geopolítico de Ambita deixou de estar inquieto para tornar-se conturbado. A mudança ocorreu por uma cumulação de fatores, dentre os quais a tomada de Mascaro foi apenas mais um elemento. Havia, no mínimo, duas grandes tensões e cinco jogadores protagonistas movendo suas peças de acordo com seus interesses e possibilidades. Simplificando a história, Bentia e Maron estavam de um lado, unidas pelo angelismo, porém, cada qual com seus problemas em relação à coalizão Tar-Afeu-Polaris: Bentia encarava Tar; Maron, dominada pelo angelismo, tensionava com Afeu; e Polaris apareceu ao tomar Mascaro de Bentia e controlar a cidade em vez de devolvê-la imediatamente para Tar.

A versão longa da história, por sua vez, começou há três anos, desde que Regno se tornou rei, mas, sobretudo nos dois últimos, quando a crença angelista cresceu exponencialmente e desimpedida, obtendo representatividade, adeptos, riqueza, uma espécie de milícia e força política. Ainda no primeiro ano, aconteceu um movimento cujas consequências não foram antecipadas e nem sequer podiam ser plenamente. No lado ocidental de Ambita, o rei Regno tornou Bentia um império monoteísta, cuja religião oficial era o angelismo, em louvor ao Senhor da Luz. A transformação não decorreu de uma verdadeira conversão das crenças de Regno. Ele sabia muito bem da existência dos Deuses, sendo, aliás, prova viva dessa realidade. A transformação aconteceu por algo semelhante à gratidão.

De fato, Regno sempre desconfiou que Ana Coth, chefe do Judiciário de Bentia e patrona da Igreja Anjos da Luz, desconfiava





das reais tramas costuradas na morte do rei Domino. Em linhas gerais, Regno presumia que, se Eveline desertou por deduzir que Ardeo era inocente e Regno o assassino, a magistrada teria capacidade suficiente para desconfiar dele. Por motivos silenciados e meramente especulados, Ana Coth sempre foi discreta e, assim, Regno, grato. Então, por gratidão, acolheu o pedido de Ana, feito outrora, tornando o angelismo a religião oficial de Bentia. Essa dinâmica os aproximou em aliança e cumplicidade.

O reconhecimento do angelismo por Bentia foi algo determinante para a crença ganhar destaque e respeitabilidade. Os efeitos foram sentidos na passagem do primeiro ano e solidificados no segundo ano, sobretudo quando Bonifácio Gefani, representante superior da religião dos anjos, elegeu-se líder de Maron. No início, a proposta política dos religiosos foi tomada como uma galhofa: os partidos e os políticos tradicionais riram e não levaram a sério... até ser tarde demais. Os religiosos, com fé, dinheiro doado pelos fiéis e promessas aos ricos proprietários sem influência política, criaram uma sólida articulação que explorou o mecanismo democrático de Maron, representado pela máxima: “uma cabeça, um voto”.

De grandes azarões, tornaram-se os líderes políticos do lugar, controlando o Executivo e o Legislativo da República de Maron. Daí em diante foi fácil o desenvolvimento do angelismo, o qual passou a ser a religião oficial de Maron, agora, o segundo império monoteísta de Ambita. Não demorou e Bonifácio pessoalizou as relações políticas, confundindo os interesses de Maron com os do angelismo, sendo impossível separar uns de outros. Sucumbida de grande potência da ciência a clube religioso. Bonifácio Gefani via sua eleição como um simples passo para sua ambição pessoal: tornar o angelismo a única crença de Ambita. Assim, a partir de Maron, iniciou um processo expansionista religioso. Sua estratégia consistia em missões de ensino às crianças e de cultos aos adultos.

Em termos de estrutura, Maron era a base do angelismo, Bentia uma aliada e Iruto um rápido investimento a ser feito, sobretudo porque o rei Duprat e a rainha Hilone formavam um casal caricato da realeza infantil, individualista e hedonista:





mantendo sua coroa, tendo boa comida e conforto para si e sua família, o resto era indiferente.

De face ao cenário, ao longo do segundo ano, a religião voltou-se inicialmente para Afeu, iniciando as peregrinações. Lorcan, porém, não aceitou passivamente. Isso porque, embora Afeu fosse politeísta, inclinava-se majoritariamente ao Lorde das Chamas. A principal razão do desprezo de Lorcan, porém, foi outra: o culto a um falso deus, claramente visando a manipulação dos fiéis. Isso era demais para a paciência de Lorcan, a qual, diga-se, era reconhecidamente curta. Como resultado imediato, o angelismo e os seus líderes foram descreditados e taxados de impostores, sendo proibidos de professar sua crença em Afeu. Obviamente, não gostaram e resistiram ao longo de um ano inteiro. Resultado: uma tensão santa.

Quase no início do terceiro ano, algum tempo antes de Mascaro ser usurpada de Tar por Bentia, uma série de assassinatos curiosos e sem autoria aconteceu, tendo como vítimas pessoas ligadas ao angelismo. As mortes mais chocantes ocorreram em Calais, três delas, e em Flenzo, outras cinco, todas inexplicadas e incomuns. As autoridades não chegaram a nenhum desfecho e, sem suspeitos, arquivaram os casos. Apesar disso, pairava e espalhava-se a dúvida sobre a pessoa de Lorcan ser o mandante dos crimes. O rei de Afeu não se defendeu publicamente, não obstante tenha praguejado em alto e bom som nos ouvidos de Celena e Aduke, sentindo-se injuriado e caluniado.

O nome de Lorcan foi maltratado nas bocas alheias, sobretudo dos sacerdotes do angelismo, e mesmo isso não fez o rei deixar o seu trono em busca de uma resposta. A gota d'água para Lorcan apareceu na segunda metade do terceiro ano pós-ascensão de Regno. O episódio foi o angelismo, por meio da sua milícia, expulsando crentes de uma religião menor do seu monastério ao sul de Afeu. O plano dos invasores era transformar o lugar em sua base no estrangeiro, valendo-se dos antigos e sólidos prédios ali existentes. O local, além de adequado em termos imobiliários, também era estratégico geograficamente, ficando próximo das principais estradas e da interseção fronteira entre Maron, Afeu e Tar. Essa gota





d'água fez transbordar os limites da tolerância de Lorcan, o qual determinou ao exército de Afeu a retomada exemplar do lugar.

A essa altura, os interesses do angelismo e de Maron estavam firmemente ligados e, portanto, Lorcan teria que lidar não apenas com a milícia dos crentes, mas também com parte do exército de Maron. Para piorar, quando a notícia da investida se disseminou, Maron pediu o apoio militar de Bentia, tendo pronta resposta positiva. Desistir ou recuar nunca foi uma opção para Lorcan, embora aconselhado nesse sentido pelo seu comandante Aduke. Cancelar o ataque representaria duas derrotas: uma territorial e uma moral. Portanto, reiterou sua decisão chamando Tar e Polaris às armas.

Nesse contexto, a rainha Caresa de Tar, não obstante melindrada com o fato de Polaris reter o domínio de Mascaro para si em vez de devolver a cidade de imediato para o dono de direito, mal teve tempo de se irritar com o atrevimento de Todd, pois precisou atender ao apelo de Afeu. Igualmente, Polaris não pôde elaborar uma explicação a tempo para a rainha e, como Todd afirmou ao se resignar: “A urgência teria que esperar a emergência passar”.

Assim, parte das tropas confluíu para as proximidades do monastério recentemente tomado pelos angelistas. Por tratar-se de uma situação mais religiosa e menos política, nenhum dos impérios aliados queria, efetivamente, declarar guerra. Não sem motivo, portanto, estavam chamando de tensão religiosa, cuja normalidade precisaria ser elucidada... restabelecida.

Então, cedo da manhã, quando o orvalho ainda resistia aos primeiros raios de sol, viam-se soldados em formação, divisados apenas pelos principais traços distintivos de suas origens: o uniforme verde de Bentia. O cinto e as bandanas amarelas de Maron. Os capacetes e as jaquetas carmesins de Afeu. As couraças marrons com o símbolo alaranjado de Tar. E... o resto, vindo de Polaris, ainda sem uma identidade bélica própria. Também pudera, Todd e Eveline sempre priorizaram a manutenção de Amleto e das pessoas, importando-se menos com aspectos estéticos das forças armadas. O comandante Samir



pensava parecido, preferindo barrigas alimentadas e tetos sobre as cabeças em vez de um uniforme ímpar. Para ele, guerras venciam-se não com beleza, mas com armas afiadas, defesas em bom estado, estratégias adequadas e irmandade militar.

Na linha de frente, os comandantes Samir, Aduke e Estela miravam, de longe, o monastério e definiam as últimas linhas de ação. O monastério era um conjunto de meia dúzia de prédios, a maioria disposta à direita da edificação principal, com exceção de uma capela, à esquerda. O prédio central tinha três andares e um modesto campanário bem acima. No pátio frontal, via-se uma fonte de água, formada por três círculos concêntricos: do mais largo, na base, ao mais estreito, no topo. O todo de imóveis era cercado por uma mureta com pouco mais de um metro de altura. Ao fundo, havia um vasto parreiral, decifrável apenas pela arquitetura das videiras recém-podadas no final do inverno do hemisfério sul de Ambita.

Atrás das primeiras fileiras, Todd queixava-se para Lara e Úrsula da ausência de Eveline que, certamente, pensaria em algo mirabolante para encerrar o combate rapidamente. A opção de deixá-la na fortaleza partiu dele mesmo, resguardando uma das fontes de comando de Polaris. Fazia sentido, tanto que, dentre os aliados, Caresa permaneceu em Lino e Lorcan só estava ali por ser colérico e desejar acertar uns sopapos na cara de Bonifácio. Esse, aliás, tal qual Regno, não parecia estar presente ou, ao menos, ainda não se haviam revelado.

Todd vestia uma proteção leve e carregava uma lança na mão direita. Ele, desde a luta contra Verago, gostava da combinação de lança e escudo, a qual, porém, depois de se descobrir um invocador, ficou contraprodutiva por atrasar o movimento de cortar-se para verter o sangue e trazer a criatura invocada. Ao seu lado, Úrsula vestia o traje de Ariadna e levava Larss na cintura, sua espada de karion. Já Lara usava um colete de couro reforçado em determinados pontos, a fim de proteção para as áreas letais. Para eventuais emergências, tinha uma pequena faca no cinto e, preso no braço esquerdo, logo acima do pulso, um pequeno escudo estilo broquel, mantendo a liberdade da sua mão.





Tão logo o líder de Polaris parou de resmungar, Úrsula tocou em um assunto que estava sendo evitado desde que partiram de Amleto:

— Você está bem? É a primeira vez que vamos enfrentar Bentia diretamente e... o comandante deles agora é...

— Meu pai... seu sogro.

— Já sabe o que vai fazer se ficar frente a frente com o todo-exemplar Theodor Arrow?

— Eu... não. Tentei não pensar nisso. Espero que ele tenha bom senso.

— *Psss...* bom senso é raro. Não sei se podemos contar com isso.

Todd suspirou profundamente e encarou Úrsula. Demorou um segundo para falar:

— Se o pior acontecer, gostaria de poupá-lo. Mas... sei que isso depende mais dele do que de nós. Faça o que você julgar certo, Úrsula. Confio no seu julgamento.

— *Oporra!* Não me mete pressão.

— *Err...* desculpa. — Todd coçou a nuca e fez uma careta.

— E, você, como está? Conseguiu dominar a transformação? Talvez precisemos dela.

— Mais pressão? *Afe...* Não dominei ainda e meio que acontece na sorte. A do urso é fácil, mas a outra não... Dane-se! Quando a hora chegar, eu sei que vou conseguir! — Úrsula fez uma promessa vazia muito mais para se acalmar do que para assegurar uma verdade.

— Certo. Eu confio em você.

— Todd!

— Tá, desculpa! Eu não queria mais pressão, só...

— Não é isso. Olha lá... o Samir tá chamando. Vamos! Lara, você também.

O trio apertou o passo até se aproximar de uma mesa improvisada sob uma tenda, na qual os comandantes discutiam a estratégia. Logo notaram um mapa do local e itens coloridos sobre ele, demarcando as forças combatentes. Os comandantes encararam Todd e ele devolveu os olhares com uma pergunta:

— Qual a situação?



— Muito boa, para ser franco — respondeu Samir. — Estamos na vantagem numérica, segundo os batedores avaliaram.

— Como isso é possível?

Estela cruzou os braços e apontou para um item verde sobre o mapa:

— Bentia. Eles vieram com força bem abaixo da esperada.

— Causamos tantos estragos assim? — Úrsula perguntou, referindo-se aos soldados que haviam recrutado de Bentia para Polaris ao longo dos anos.

— Não parece ser o caso, senhorita — respondeu Aduke. — Numa divisão de 100 pontos, a atual situação de poder militar, depois das desventuras de Verago, seria algo como: Bentia, 30; Tar, 22; Afeu, 19; Maron, 16; Iruto, 9; e Polaris, 4. — Aduke parou e olhou para Lara antes de voltar a falar: — Claro, isso sem contar os usuários de magia elemental. Eles aumentam o poder de Bentia e Polaris em alguns pontos. Desse modo, notem que, desconsiderando Iruto, que não está aqui, deveríamos estar praticamente empatados. Mas... não é o caso. — O comandante de Afeu espalhou algumas peças menores sobre o mapa, deixando a maior parte para um lado, e então explicou: — Hoje, mesmo com apenas parte das nossas tropas e da infantaria deles, estamos com vantagem numérica na proporção de 60-40.

— O senhor tem certeza? — Todd estava em dúvida, cínico em relação à vantagem.

— Sim, absoluta. Como mencionado pela comandante Estela, Bentia veio com um número pequeno de soldados. É quase como... como se nos subestimassem ou quisessem entregar a batalha para nós. Além disso, Maron não trouxe nenhuma das suas bizarras máquinas de guerra. — Aduke colocou a mão sobre o queixo e refletiu um momento.

— Em resumo: nossos exércitos parciais enfrentam Bentia em número reduzido e a milícia angelista? Digo, se eu entendi bem, Maron não enviou seu exército principal.

— Exatamente, líder Todd. Comandante Estela, já viu algo assim? A mim, não faz o menor sentido.

— Todos os sinais apontam para uma armadilha, comandante Aduke. Nossos batedores não encontraram tropas





inimigas escondidas no entorno, mas não seria surpresa se aparecessem nos flanqueando. Por isso, insisto: vamos avançar com cautela.

— O tempo e a nossa última batalha contra Verago me fizeram confiar na sua percepção, comandante Estela, de Tar. Vou retirar a minha proposta de um avanço sólido e com força total. Vamos prosseguir com o seu plano. É o meu voto. Comandante Samir?

— De acordo.

Diante do consenso, Estela assentiu. Em seguida, recolheu as peças coloridas sobre o mapa e começou a redistribuí-las. Primeiro, deixou as peças verdes e as amarelas, representando Bentia e Maron, em paralelo, no ponto onde ficava o monastério. Em seguida, posicionou as peças vermelhas e laranjas, sinais de Afeu e Tar, em extremos opostos, embora ainda lado a lado. Por fim, moveu a peça cinza, que era Polaris, e a deixou bem no meio, diante dos adversários.

— Vamos pinçá-los. Afeu pela direita, Tar pela esquerda e Polaris pelo meio. Nossa vantagem numérica permite ataques em múltiplas frentes sem perder intensidade e consistência...

— O oposto do que acontecerá com eles — comentou Todd.

— Sim. Eles vão ter que se dividir para defender os três pontos da pressão ou sacrificar um deles. Se fizerem isso, fatalmente deixarão um dos nossos grupos mais fortes. E... se recuarem, amargarão um cerco. — A comandante moveu a peça de Afeu, depois a de Tar e por último a de Polaris. — Essa será a ordem de avanço. Se houver alguma armadilha preparada para algum de nós, os demais seguem incólumes.

— Parece bom — comentou Samir. Ele virou-se parcialmente e encarou os antigos pupilos. — Quero os três junto comigo ou bem longe de mim, fora do combate, nesse caso. Vocês decidem.

— Com você, óbvio — respondeu Úrsula.

— Que assim seja. Infelizmente, Todd, seus poderes não serão úteis: não temos água por perto para você invocar o King.

— Eu notei... Tudo é terra e areia por aqui. Já que sou apenas eu... vou tentar não atrapalhar.



— Apenas prometa não morrer e fique por perto. — Samir virou o rosto e olhou para a ruiva. Fechou o semblante. — Ahm... Lara... — os olhos verdes dela brilharam, curiosos e ingênuos. Ela, de fato, ainda não tinha percebido a sua função naquela luta. — Não notamos a presença do Regno, mas, também, é impossível afirmar a ausência. Portanto, se ele aparecer... só você conseguirá fazer frente aos poderes dele.

Lara olhou para os demais e os viu encarando-a. Experimentou um frio no estômago, pois, não bastasse sua missão ser complicada, ainda se sentia enfrentando um amigo. Apesar de todas as condutas de Regno e das mágoas nutridas, ela não o tinha como um verdadeiro inimigo. A jovem inspirou e suspirou profundamente, buscando acalmar-se. Sorriu e concordou com a cabeça. Finalmente havia entendido seu papel.

O início da batalha demorou tão somente o tempo do reposicionamento das tropas nos termos indicados por Estela. Quando a formação em “V” se aprontou, ouviu-se o som de uma trombeta anunciar o começo da batalha. O primeiro movimento partiu de Afeu, cujas tropas se adiantaram e logo encontraram as defesas inimigas de Maron, em especial barricadas, estacas de madeira pontiagudas, arqueiros ao fundo e, obviamente, uma resistente parede de soldados. A violência irrompeu e escalou na proporção que os adversários se engalfinhavam, proporcionando contusões, cortes, amputações e mortes uns aos outros.

No lado oposto, Tar fez sua jogada e marchou com seus escudos-torre cadenciadamente. Os passos estavam sincronizados em tríade, gerando uma opressora batida sonora de fazer qualquer soldado frouxo tremer de medo. Deste lado, as tropas de Maron estavam em menor número, mas compensavam com máquinas bélicas criadas pelos cienceiros. Não eram as máquinas bizarras que Aduke referiu, contudo, eram suficientemente letais se menosprezadas. Tais instrumentos precisavam ser destruídos rapidamente ou, do contrário, inverteriam a vantagem numérica à medida que a luta se prolongasse.

No lado esquerdo, onde Tar lutava, mesclavam-se os soldados de Maron com uma parte das tropas de Bentia. Os verdes,





ao verem a força laranja avançar, recuaram alguns metros. O comando de Maron enfureceu-se, xingando os aliados de covardes antes de disparar uma dezena de palavrões criativos e impróprios para os ouvidos das crianças. Para provar seu ponto, comandou aos seus soldados manterem a posição e responderem com coragem e veemência. A pressão laranja, a exemplo do que estava ocorrendo com a investida vermelha no lado oposto, estava tendo sucesso e, pouco a pouco, ganhava terreno, afunilando os adversários.

No meio das forças aliadas, Samir comemorou o acerto do plano de Estela e soube ter chegado a hora de agir. Sobre seu cavalo, desembainhou suas espadas e as ergueu sobre a cabeça. Cruzou-as e bateu os metais ritmicamente. O som demarcou um compasso de um único tempo: sincero, simples e objetivo. Não demorou para os soldados imitarem as batidas com suas armas, com os escudos, ou mesmo com os punhos atingindo as armaduras. Os movimentos uníssonos davam vazão a sentimentos diversos, a depender de cada pessoa. Em Úrsula, fez gerar convicção: ela estava sólida, mesmo sabendo do desafio adiante. Em Todd, o som trouxe confiança: acalmando seus pensamentos acerca do acerto dos atos iminentes. Em Lara, as batidas a deixaram eufórica: os pelos da sua nuca e braços se arrepiaram e a ela completou-se por um juvenil destemor, uma esperança do melhor final possível.

Samir não precisou dizer coisa alguma. A sequência rítmica falava por si e, quando ele apontou suas lâminas para frente, as tropas marcharem com ele. À medida que venciam os metros, ficava cada vez mais evidente que as tropas de Polaris precisariam lidar apenas com o exército de Bentia. As pressões laterais de Afeu e Tar davam conta das tropas de Maron e da milícia angelista, sobrando, assim, apenas o conflito vindouro entre os cinzas e os verdes.

Curiosamente, a partir de determinada distância, cada passo ofensivo de Polaris significou uma resposta defensiva de Bentia na mesma proporção: um passo de recuo. Depois da quarta ou quinta vez, Samir notou a peculiaridade daquilo. Ele não só havia sido treinando em Bentia, como também





foi um dos treinadores, conhecendo por inteiro o manual de estratégias: aqueles recuos não faziam parte do manual. O comandante Samir olhou o entorno e observou a estratégia de pinça funcionando perfeitamente, com as tropas aliadas acuando e afunilando os inimigos. Tudo corria de acordo com o plano e somente um elemento não se encaixava no tabuleiro: o comportamento militar de Bentia.

Muito mais por pressentimento do que por certeza, quando todas as tropas estavam concentradas diante do monastério, Samir chamou dois estafetas para levarem a seguinte mensagem aos demais comandos: “Suspendam o avanço imediatamente. Algo não está certo”. Os soldados arregalaram os olhos e cavalgaram com máxima velocidade, um para cada lado. Os pobres dos cavalos nunca foram tão cobrados como naquele rápido momento. “Rápido”, porque seus pinotes duraram não mais do que cem metros, distância na qual foram desequilibrados pelo movimento do solo.

A terra sob os pés dos soldados se tornou movediça antes de convergir para determinados pontos nos quais se ergueram inúmeras paredes, de aproximadamente quatro metros de altura cada. A distância, ou melhor, as distâncias entre elas eram assimétricas, ora mais amplas, ora mais estreitas. Elas corriam até quinas, onde dobravam para esquerda ou para a direita, isso quando não terminavam em caminhos sem saída. Os soldados mais medrosos tentaram correr e se perceberam em idas e vindas que não levavam a lugar nenhum e, pior, por meio de corredores assemelhados uns aos outros. Quando os sentidos começavam a trair seus usuários, os mais afobados começaram a abrir caminho à força através das paredes de terra. Quem conseguiu desembocou em outro corredor idêntico ao recém-escapado. Já outros fatalmente davam de cara com pedaços bagunçados das tropas inimigas e, pouco antes de serem abatidos, percebiam que os inimigos também estavam desestabilizados.

Os pavores estavam diferidos nos aliados e nos inimigos que, sem entenderem coisa alguma, acreditando tratar-se de uma artimanha do lado oposto, caminhavam desconfiados,



buscando uma saída. Um desses pavores manifestou-se no coração de Úrsula, quando ela viu uma parede de terra ruir para dar vida a outra e engolir Todd e Lara, separando-os do grupo.

— TODD! Mas que merda! Essas paredes parecem vivas!  
— gritou Úrsula, indignada.

— Úrsula! Suba nos meus ombros, rápido! — A ordem partiu de Samir e ele apontou para o céu.

Usufruído de sua agilidade e leveza, a morena correu contra a parede e nela se impulsionou para alcançar o lombo do cavalo. Uma vez sobre o alazão, equilibrou-se e escalou os ombros de Samir. Dali, foi um único pulo até ficar em pé sobre um dos muros de terra. Seus olhos correram da esquerda para a direita, observando aquele absurdo volume de terra ziguezagueando aqui e ali como se dotado de consciência, para barrar encontros e confundir o avanço de uns e outros. Diante de Úrsula, estava um enorme labirinto vivo de terra.

Logo ao seu lado, havia um corredor retilíneo, no qual ela percebeu Todd e Lara sendo empurrados em grande velocidade na direção do monastério. O caminho era uma estreita avenida, livre de impedimentos e de inimigos. Ambos, como ratinhos de experimentos, estavam sendo facilmente levados do ponto “A” ao ponto “B”.

O coração da morena acelerou, temendo o pior, e, antes que ela pudesse agir, movimentos ao fundo chamaram sua atenção. Ela mirou o alto do monastério e finalmente notou quem estava orquestrando aquele formigueiro: a rainha, Gianna de Bentia. Apesar da concentração da loira, seu olhar encontrou os olhos repletos de raiva de Úrsula. A morena ameaçou algum movimento, mas Gia largou na frente e desfez a parede, forçando Úrsula a saltar para não cair dolorosamente.

— Aquela cobra loira!

— O que houve, Úrsula? O que você viu?

— A Gia! Ela criou um labirinto e está controlando a formação!

— Droga! Assim ela pode levar nossas tropas direto para emboscadas.





- O que faremos?
- Me deixe pensar um pouco...
- Rápido! Ela está empurrando o Todd e a Lara pra dentro do monastério!
- Mais essa, agora!? Eu acho que...
- Argh! Dane-se, também! ARTHIA!

De modo imprudente, Úrsula optou pela transformação de pura força bruta. Em questão de segundos, um brilho emanou do seu corpo e, ao cessar, um alto e forte urso pardo estava presente. A transformação ocorreu por puro impulso e sem pensar nas consequências. A fera, ao ver Samir, correu para atacá-lo e somente não o atingiu porque o cavalo empinou, fazendo o urso passar por baixo. Pelo lado positivo, abriu um rombo no corredor, pelo qual Lara e Todd foram conduzidos. Um pensamento ágil ocorreu na mente de Samir e ele mergulhou com seu cavalo naquele túnel, não sem antes atrair o urso. A forma animalasca de Úrsula passou a persegui-lo, desembestada e raivosa, comportando-se como o comandante desejava. Seu plano era atraí-la até o monastério e deixar a fera trabalhar contra os inimigos.

Samir apostava na sua velocidade para escapular de Gia, sem saber que aquilo nunca funcionaria. A visão privilegiada da loira, lá do alto, dava-lhe uma vantagem insuperável sobre quem estava no solo. Assim, a rainha áurea, como apelidada pelos admiradores de Bentia, não teve dificuldades e subiu paredes, que impediram o avanço de Samir, fazendo-o cair do cavalo. Se os obstáculos criados por Gia funcionaram contra Samir, foram infrutíferos contra a forma bestial de Úrsula. A fera atravessou cada uma das defesas, explodindo-as em inúmeros blocos de terra. Naquela investida ensandecida, a única vítima foi o cavalo de Samir, estraçalhado pelas garras de Úrsula ao atravessá-lo irracionalmente.

Uma a uma, as barreiras de Gia foram sendo destruídas, até o momento no qual a loira dedicou maior atenção e subiu uma parede muito mais sólida e suficiente para conter Úrsula. A prisão de terra, contudo, exigia enormes quantidades de energia, fazendo a rainha desistir dos extremos do labirinto. Quando





as paredes do fundo caíram, os soldados correram desorganizados e, do lado de fora do labirinto, em vez de prezarem por suas vidas, iniciaram novas batalhas contra os inimigos também escapulidos.

A agitação operada por Úrsula e Samir distraiu Gia e ela não viu quando Lara e Todd ingressaram pelas portas da capela localizada à esquerda do prédio principal. Sem saber, a loira apenas torceu para que os ratinhos tivessem alcançado o local.

A festa estava para começar.